

IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la República
Argentina
“Los usos de la Memoria y la Historia Oral”

**A experiência do tempo no cotidiano planaltinense:
o tempo, o cotidiano e a memória dos velhos de Planaltina de Goiás, Brasil**

Michelle de Oliveira Vilardi¹

A experimentação do tempo, objeto dessa pesquisa, se inicia com a conceituação do tempo amarrada nos estudos de Norbert Elias (1897-1990) e Paul Ricoeur (1913-2005), que o entendem como uma construção do conhecimento humano, que geração após geração relacionou seqüências naturais e sociais e assim passou a medi-lo.

Essa experimentação foi visitada no contexto da cidade de Planaltina-GO em meados do século XX, (que atualmente está fragmentada em dois estados diferentes, o próprio Goiás e o Distrito Federal, sendo que região habitada entre 1930 e 1950 está hoje no território distrital).

Para ter um acesso a essa experiência os relatos de um senhor e uma senhora foram selecionados. Os dois foram moradores em 1930 da cidade de Planaltina-GO, sendo naturais da região e estando nela até a data da pesquisa, ano de 2009, um no âmbito rural e outro na zona urbana.

No retorno às lembranças dos anos de 1930 a 1950, os dois eram jovens moradores do espaço rural planaltinense, e seus relatos foram direcionados para uma apresentação do cotidiano, o espaço onde o tempo experimentado é desejável perceber.

O Tempo

Pensando o objeto de pesquisa, percebe-se que determinar o tempo é uma necessidade para o ser humano, que ao estabelecer essa medição faz, no

¹ Estudante do 4º ano do curso de História na Universidade Estadual do Goiás, Brasil, Unidade Universitária de Formosa no ano letivo de 2009.

entendimento de Norbert Elias, um relacionamento de posições ou segmentos de duas ou mais seqüências de acontecimentos em evolução contínua. Com isso o tempo não é compreendido como um dado, o tempo é uma relação.

Depreende-se desse posicionamento que cada comunidade pode elaborar sua percepção de tempo, e assim significar sua relação com o mundo, ou seja, é um conhecimento que surge do seio da cultura. Diz Elias que “todas as ligações que estabelecemos e todos os conceitos que utilizamos em correspondência com elas, ao falarmos e ao refletirmos, são resultantes da aprendizagem e da experiência”.²

Elias trabalha com um conceito de tempo que engloba o chamado tempo físico e tempo social. De modo geral o tempo físico é o dado com o qual os físicos e matemáticos lidam, enquanto o tempo social seria o tempo das ciências sociais. Mas para Norbert Elias essas distinções prejudicam uma visão geral e limita o conhecimento acerca do assunto.

Para ele essa junção dos conceitos se confirma na análise do conceito de tempo que se modifica ao passo que descobertas físicas alteram o que se entende por tempo no campo das ciências sociais, demonstrando nisso uma continuidade dos conceitos e não uma cisão. Para Elias “em toda parte onde se opera com o tempo, os homens são implicados juntamente com seu meio ambiente, ou seja, com processos físicos e naturais”.³

Essa unidade se percebe no relógio, um símbolo artificial que representa o tempo, acumulando a síntese de aspectos cósmicos, como o movimento da Terra ao redor do sol e ainda marcando o tipo de vida industrial da sociedade contemporânea em horas, minutos, segundos, milésimos de segundos.

Essa experiência do tempo faz com que seja aos indivíduos, de diversas regiões do planeta, possível a determinação de sua idade, e de acordo com ela, sua identidade, reconhecendo-se na foto de infância mesmo já estando na velhice como o mesmo indivíduo. A passagem do tempo modifica o indivíduo que foi, sem, no entanto, deixar este de ser e permanecer sendo, mesmo após a morte, a finitude, onde passará a ser na memória de viventes.

Numa outra operação com o tempo, ao se propor um trabalho historiográfico, Paul Ricoeur afirma que o historiador constrói um terceiro tempo, que não é o presente do historiador, nem é o passado do evento, é o tempo da narrativa, do

² ELIAS, Norbert. Trad. Vera Ribeiro. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p 34.

³ Idem p 13.

calendário que data, ordena e demarca o tempo fugidio, dando-o existência histórica, através da narração que se elabora.

O tempo físico, para Ricoeur, é o que possibilita localizar o passado como um ponto fixo e compreendê-lo através das gerações, que mantêm o ser humano sempre vivo na dinâmica de sobreposição destas que deixam vestígios, e no futuro – o presente do historiador – serão a chave de acesso a estas gerações inseridas no tempo do calendário.

Para Sandra Jatahy Pesavento (2005), Paul Ricoeur pretende reconstruir o passado com um pacto de verdade feito junto ao leitor, que não conhece o passado, mas colocará em seu lugar a narrativa oferecida. Essa é uma experiência temporal, onde um terceiro tempo se faz real. Diz ela:

Paul Ricoeur nos fala que as construções narrativas da História são refigurações de uma experiência temporal. O que o historiador pretende é reconstruir o passado, para satisfazer o pacto de verdade que estabeleceu com o leitor, mas o que constrói pela narrativa é um terceiro tempo, situado nem no passado do acontecido, nem no presente da escritura. Esse tempo histórico é uma invenção / ficção do historiador, que por meio de uma intriga, refigura imaginariamente o passado, substituindo-o. É, pois, representação que organiza os traços deixados pelo passado e se propõe como sendo a verdade do acontecido.⁴

Outro historiador, Reinhart Koselleck (1923-2006), diz que o tempo histórico é aquele em que cada presente se relacionaram o passado e o futuro, através da fórmula do espaço de experiência e horizonte de expectativa. O tempo é assim uma construção humana, onde o que é o passado e o que é futuro é decidido no presente, que ora é presente-futuro, ora é presente-passado, aproximando também o futuro do passado, quando o presente assim reage.

Uma outra perspectiva de tempo no fazer histórico, que se tornou amplamente divulgada, foi a concebida pelos *Annales*, escola francesa que desde o

⁴ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p 50.

início do século XX tem ecoado suas idéias com ênfase. O seu surgimento foi influenciado pelos pressupostos das ciências exatas, e assim o rigor metodológico no fazer histórico se tornou à marca dessa frente.

Para os *Annales* os objetos de estudo se tornaram coletivos, anônimos, massivos. Rompeu-se com História das grandes personalidades do século XIX. Essa escola empreendeu-se com uma história estrutural, de movimentos lentos, com uma mudança desacelerada, em que perceber a passagem do tempo é um esforço para compreender a simultaneidade das sociedades. Sobre isso diz o historiador José Carlos Reis:

Nessa perspectiva, os eventos humanos são inseridos numa ordem não-sucessiva, mas simultânea. A relação diferencial entre passado, presente e futuro se enfraquece, isto é, a percepção sucessiva do tempo histórico é enquadrada por uma percepção simultânea. As mudanças humanas se naturalizam: endurecem-se, desaceleram-se. Tornam-se semelhantes aos movimentos naturais e incorporam as qualidades destes: homogeneidade, reversibilidade, regularidade, medida.⁵

Um outro aspecto também caro a compreensão de como era a experiência do tempo em Planaltina GO nos anos de 1930 a 1950 é o cotidiano. Esse espaço é onde se desenrola as mudanças e mesmo as permanências da história da vida dessas pessoas.

Cotidiano e Memória

O segundo aspecto da história aqui analisada é o cotidiano. Esse espaço foi segregado da História que prevaleceu no currículo educacional em diversos países, e enquanto disciplina, a História tendeu por caminhos de valorização dos acontecimentos fora da rotina do cotidiano, deixando para este espaço a idéia de inércia, de amarras alienantes da repetição de comportamentos, do tempo longo, onde as mudanças são lentas e quase imperceptíveis.

⁵ REIS, José Carlos. *História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2006. p 198-199.

No entanto, de acordo com o historiador Norberto Guarinello (2004), o cotidiano é espaço histórico onde o efêmero e contínuo ocorrem simultaneamente; diz ele:

O cotidiano, percebido assim sem qualidades, como o tempo da vida, pode ser pensado como o espaço concreto de realização da história em todas as suas dimensões, a pública e a privada, a banal e a importante, a repetitiva e a transformadora. O cotidiano não é uma esfera particular da vida ou da história, ou uma espécie de massa inerte, que muda pouco ou não muda, pois não teria em si os agentes de sua mudança: uma massa sobre a qual os acontecimentos existiriam e atuariam de modo independente. Não há por que pensar a história como duas instâncias separadas: uma física, concreta, porém imóvel e inconsciente, em que todos vivemos, e outra metafísica, mas ativa, eficaz, de onde proviriam as ações que mudam, as forças da mudança. É verdade que acontecimentos singulares, ou antes, constelações de acontecimentos, de ações, podem alterar em maior ou menor profundidade aspectos de nossa vida, mas é no próprio tempo do cotidiano que são gerados. Eles se dão no tempo e no espaço do dia, na seqüência de dias. O acontecimento não é assim o inesperado, o imprevisto, não surge do nada, mas é um produto do cotidiano. Não há por que separar os dois planos ou, dito de outro modo, talvez seja útil pensá-los conjuntamente.⁶

Dentro dessa perspectiva o cotidiano é um objeto que coloca como elo do passado e do futuro, é o presente, é o que acontece, seja rotineiro ou inusitado, por hábito ou por alienação. A duração desse cotidiano é uma definição arbitrária do

⁶ GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p.01-20, 2004. Mensal. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jul. 2009.

historiador, que o define de acordo com seus objetivos, mas sempre em busca de ordem, das idéias, das relações que despertam o interesse e desvelam uma história.

Sendo o cotidiano esse local de possibilidades do lento e do efêmero, e isso simultaneamente, a memória se lança nessas duas estradas. É a memória o local da contradição, onde teorias não dão conta de explicar com precisão o que dela se encontra.

Assim a memória é outro ponto de estudo que se revela nessa pesquisa. Numa perspectiva psicológica e cultural, a memória é o conjunto de lembranças de testemunhas, que se torna numa memória coletiva e, ou individual, e esse processo de guardar as lembranças está inserido numa determinada estrutura ideológica que privilegia determinados tipos de histórias em detrimentos a outras; pode ser definida ainda, de acordo Bosi como *“a alma da própria alma, ou seja, a conservação do espírito pelo espírito”*.⁷

Segundo Walter Benjamin a memória coletiva corrói a individual. Por isso para se aproximar das memórias individuais, da história de vida, do cotidiano, se faz preciso compreender o rol de idéias que dominam determinada. Sobre isso diz Éclea Bosi: *“é preciso sempre examinar matizando os laços que unem memória e ideologia; laços que, antes da secularização moderna, amarravam à memória pública e individual”*.⁸

É possível analisar essas forças coercitivas através da história de instituições como escolas e igrejas, acompanhando qual o projeto divulgado por elas através de seus agentes e confirmando sua eficácia através de, por exemplo, objetos biográficos, aqueles que envelhecem com o seu possuidor, e essa mudança, essa passagem do tempo que o envelhece o agrega valor. É como um quadro antigo, que ao longo dos anos se torna mais e mais importante para o seu dono, excluindo cada vez mais a possibilidade de desfazer-se dele, uma vez que estes são insubstituíveis.

A memória opera trazendo a tona lembranças que são requisitadas pelo hoje. Essas podem ser lembranças isoladas, que ao serem trazidas para o presente ressurgem uma outra vez. No cotidiano há também uma outra memória denominada por Bérson como memória-hábito. Seria ela os esquemas de comportamentos que são aprendidos e se tornam ações quase que automáticas frente a certas

⁷ BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004. p 36.

⁸ Idem p 22.

circunstâncias. O cotidiano seria formado assim por uma memória-hábito e pelas lembranças isoladas.

Toda vez que se faz o convite à memória, imagens são formadas e os quadros de lembranças fazem com que o lembrador reviva o passado no presente. Isso porque essa imagem passada vai se interpretando frente às questões do presente. Esse ato faz com que o ser se conserve em si mesmo.

Diante disso a memória é uma seleção de situações que são interpretadas e construídas socialmente dentro do grupo de convívio de cada indivíduo, havendo nesse seio elementos que serão lembrados com destaques e outros que serão omitidos. Nesse cenário que a experiência do tempo emerge, através dos depoentes, e sua memória, falando de um cotidiano, que é a sua história de vida.

O método

Para um tema voltado às lembranças, a fonte oral mostrou-se interessante, quando compreendida de acordo com Delgado:

[...] é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida.⁹

Dentro desse entendimento, como já citado, foram selecionados, pelo critério temporal da pesquisa, dois idosos, um homem e uma mulher, que se disponibilizaram a ter uma conversa sobre a sua vida cotidiana do passado. Esses relatos tornaram-se então a matéria de reflexão histórica na construção de mais um conhecimento acerca do período pesquisado.

Frente à fonte, o vestígio para reconhecer o passado de maneira controlada, construída de maneira arbitrária, obtém-se as bases de sustentação da narrativa. Diz Etienne François (2002) que a produção histórica controlada pela fonte oral

⁹ DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral, Memória, Tempo, Identidade*. Belo Horizonte: Autentica, 2006. P. 15-16.

possibilita ao historiador desempenhar sua função em todas as suas facetas ao afirmar que

[...] nesse estilo de trabalho, a tarefa de produzir conhecimentos históricos se torna válida, especialmente rica e atual, já que implica: reflexão teórica, trabalho empírico e de campo; maior ligação e vínculo pessoal com os sujeitos estudados; um processo de constituição de uma fonte e um processo de produção de conhecimentos científicos, isto é, um processo que permite ao pesquisador se transformar no que sempre pretendeu ser, um historiador.¹⁰

Realizado o evento da constituição da fonte, através das entrevistas, da gravação, da transcrição destas, respeitando não apenas os diálogos, mas o contexto do evento, passou-se aos trabalhos historiográficos de fato, onde diante de um portal o historiador se vê com a chave para destravá-lo.

A vida: na experimentação do tempo

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras

Mulheres entre laranjeiras

Pomar amar cantar

Um homem vai devagar.

Um cachorro vai devagar.

Um burro vai devagar.

Devagar ... As janelas olham.

Êta vida besta, meu deus.

Carlos Drummond de Andrade

O poema acima é um dos textos que compõe o livro 'Alguns Poemas' do autor já explicitado, Drummond. Publicado na década de 1930, o compêndio se encaixa

¹⁰ AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) *Usos e abusos da História Oral*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 24.

na escola literária do Modernismo brasileiro, que vem acrescer a literatura nacional com arquétipos característicos de cada região do país. Nesse livro específico, os poemas fazem referência à vida cotidiana, pintando um quadro de diferenciação geográfica, e evidenciando a percepção de vida e seus desdobramentos culturais, sociais, econômicos, religiosos.

Como uma boa cidadezinha qualquer, Planaltina tinha um cotidiano traçado às custas da sobrevivência, do trabalho rotineiro, intrincando sua cultura a essas urgências e elaborando esferas de relações sociais através das relações econômicas, dentre outras, como a religiosa e territorial. Para isso, papéis estavam bem definidos: à mulher cabia educar-se nos afazeres domésticos, inculcar-se de valores considerados nobres como a serenidade, a humildade, espelhar - se em Maria, mãe de Jesus permanecendo virgem até o casamento, e para após dele conceder ao marido filhos fortes e saudáveis, úteis como mão de obra. Ao homem cabia ser robusto e decidido, cumpridor de suas palavras, provedor da família e presença soberana na esfera privada do lar. No desempenho das personagens garantia-se a manutenção da sociedade patriarcal estruturada aos moldes do catolicismo, religião predominante na cidade à época.

As funções específicas na vida privada de homens e mulheres estavam divididas de acordo com necessidades pré-estabelecidas e a cada um deles era exigida a maior eficiência no cumprimento destas. De relatos de senhoras, que nesse período eram jovens moças casadas, há pouco tempo, com filhos pequenos e moradoras de Planaltina, percebe-se que o tempo dos afazeres era dividido entre as obrigações de mãe, esposa, doméstica e religiosa. O tempo de duração do dia estava comprometido desde o raiar do sol até a sua postura, adentrando algumas horas da noite, por vezes iluminada por lamparinas de querosene e em outras não sendo necessária iluminação alguma.

'*Devagar*', palavra do poema de Drummond aqui apresentado, não é pronunciada pelas senhoras em nenhum momento desses relatos. Iniciava o dia com o cantar do galo: Oração. Providenciar o café da manhã: ralar o queijo, ferver o leite, quebrar os ovos, despejar o polvilho que foi preparado no dia anterior, amassar bem, colocar no forno de lenha, passar o café, lavar as louças no reguinho no fundo do quintal, observar o forno, colocar na mesa. Juntar as roupas sujas, preparar o sabão de gordura e soda. Iniciar o almoço, fazer os temperos, socar o arroz, matar a galinha, colher as verduras, cortar a lenha. Ir ao reguinho. Sol do meio dia. Oração.

Lavar louças. Lavar roupas. Dar uma olhada nos filhos correndo no quintal. Cuidar dos agregados idosos. Levar o pinico, arrumar a cama, trocar a roupa, dar atenção. Sentar a máquina de costura com o pano cortado, a linha fiada e pedalar a agulha. Ralar o milho, a rapadura, quebrar ovos, misturar ao leite e ao fermento. Colocar pra assar em panelas sobre o fogão de lenha. Preparar o café, colocar a mesa. Juntar a louça. Lavar. Esquentar os caldeirões de água, pegar a bacia, juntar a meninada. Dar o banho. Lavar-se. Recepcionar o marido. Preparar o jantar. Servi-lo. Enfim comer. Sol poente. Por os filhos para dormir. Ajeita-los nas poucas camas dois a dois. Lavar a louça. Preparar mais um café. Conversas entre adultos. Cama. Oração. Sexo. Sono.

A experiência dessa rotina pressupõe um tempo comprometido, o tempo da claridade, o tempo do sol. É o momento útil para ter-se êxito nas tarefas, é ainda no dia que estão às referências positivas do imaginário dessa comunidade, pois carregada de princípios advindos da Igreja Católica é na luz que Deus realiza seus feitos: *“Nós temos que realizar as obras daquele que me enviou, enquanto é dia. Está chegando a noite e ninguém poderá trabalhar. Enquanto estou no mundo eu sou a luz do mundo”*¹¹.

À noite fica renegada ao mistério das trevas, da morte. Domínio do Diabo e sua legião de Demônios, guerreando contra luz: *“Essa luz brilha nas trevas, e as trevas não conseguiram apagá-la”*.¹² Portanto dia e noite, estão bem diferenciados e as pessoas de bem devem optar pela luz e passar pelas trevas protegidos pelo sono dos justos.

Outro fracionamento do tempo muito comum por comunidades de vida rural, como Planaltina nos anos iniciais do século XX, é a divisão do tempo das águas (verão) e o do tempo da seca (inverno). Essa subdivisão das estações coordena plantios e transportes de gado. Na vida cotidiana da família influenciava vários hábitos e diretamente na alimentação.

As hortas eram cultivadas com turbéculos somente no verão, e com folhagens, como couve e alface, no inverno. E de acordo com a cultura escolhida para plantio em larga escala, uma dessas duas estações seria o momento de plantar e na outra de colher. Assim, a relação de espera por uma produção ocorria de maneira completamente oposta ao sistema fabril, impulsionado pelo capitalismo em

¹¹ João 9, 4-6.

¹² Idem 1, 4-5

franca expansão como projeto econômico político do ocidente nesse período meeiro do século XX.

Essa relação de trabalho para a manutenção da vida se repetia geração após geração, tornando o tempo numa longa e retilínea estrada, que no começo contava com o aprendizado dos afazeres, no centro havia a tradição da religiosidade, que findava na espera da morte para a redenção e salvação da alma. Nessa relação, os horizontes de expectativas e os espaços de experiências estão próximos, olhando para o passado se compreende o futuro.

O tempo se arrasta entre gravidezes e chegadas das comitivas de carros de boi. O dia e a noite permanecem iguais. O cotidiano é lento e estrutural. O que ocorre de ágil e efêmero é o ritmo das obrigações, que na vida adulta se agigantam, preenchendo os espaços ociosos da infância e sendo esperados novamente para a velhice, não muito distante, que se iniciaria por volta dos cinqüenta anos de idade.

Não é difícil então a nós contemporâneos colocarmo-nos no espaço da fala de Carlos Drummond de Andrade, uma vez que seu entendimento de mundo é a nós recorrente, sendo-nos herança de vida modernizada e globalizada, onde o campo foi inserido na lógica de produção em série e comprometida com as lógicas do mercado. É claro que não há um determinismo de um capitalismo agressivo e, ainda hoje, andando por interiores pode-se encontrar núcleos rurais onde valores sociais dirigem a lida com o tempo e seus desdobramentos.

Feitas tais considerações, é hora de voltar o olhar para o Brasil após 1945, e perceber aqui os efeitos que as Guerras Mundiais ocasionaram, impulsionando um aumento considerável no número de indústrias e com isso, uma aceleração na urbanização. Em 1940, 31% da população encontravam-se na zona urbana, enquanto 69% estavam na zona rural; já em 1970, 60% da população estão nas cidades e 40% permanecem no campo.¹³

A população passa a se concentrar em cidades e grandes metrópoles vão se formando, por vezes de maneira desordenada, sem a devida assistência do Estado, acumulando graves problemas de saúde pública, segurança, educação, desemprego, entre outros. A manutenção da família nesse contexto urbano modifica-se, ao passo que os papéis sociais nessa esfera da vida privada também sofrem readaptações.

¹³ Fonte: IBGE. Censos demográficos 1940 – 1970.

O trabalho agora não é mais regido pelo tempo do sol ou das águas e a seca, e sim pelos turnos das fábricas e do comércio. Os feriados são datas para o consumo e não para festividades religiosas apenas. Participar de festividades religiosas, como a *Festa do Divino*, muito comum em núcleos rurais e tradição em Planaltina, torna-se evento para desocupados, uma vez que sua duração é de 9 dias contínuos de peregrinações, impossível para um trabalhador assalariado que vende sua força de trabalho ausentar-se para tal celebração, pois nesses núcleos urbanos há uma massa de desempregados que mantêm a tensão de uma possível substituição da vaga de emprego.

Nesse novo ritmo de manutenção da família numa nova realidade, o passar do tempo torna-se a diferença das horas de trabalho pelas horas de descanso. Olhando então desse ângulo para a cidadezinha de Planaltina entre 1930 – 1950, o poema mostra a estranheza dessa possibilidade de cumprir com as expectativas do trabalho de maneira diferenciada. O que seria produzido, não cumpriria prazos determinados, como por exemplo, o salário mensal de um operário da fábrica de ferramentas agrícolas, e dependeria do clima, das pragas, do processo de colheita. Assim, há uma previsão de tempo, mais não uma determinação. E nesse intervalo, a expectativa do tempo é diferenciada. Não há como acelerar o desenvolvimento da plantação. É necessário esperar. Isso não significa tempo ocioso, é um espaço de tempo preenchido por atividades complementares, modificando a equação urbana da experiência do tempo. A diferença aqui está entre o tempo de preparo e de espera. Expectativas opostas, declaradas pelo modo de vida e pelos arranjos sociais e econômicos que o indivíduo está inserido.

“*Éta vida besta, meu Deus*”. A quem cabe essa frase? Hoje as mulheres que falam de seus dias desse contexto rural nessas datas da metade do século XX, o fazem com distanciamento e fadiga, pois agora se encontram fora dessa lógica e experimentam o tempo de maneiras diferentes, seja pelo contexto urbano em que agora residem, seja pelo próprio avançar da idade, colocando-as numa nova esfera social, onde as cobranças de um mundo capitalista resumem-se ao consumo e não mais a produção (teoricamente). A elas a frase poderia ser dirigida, ou mesmo pronunciada. Quando questionadas se desejariam voltar a viver em chácaras, sítios, fazendas, imediatamente diziam: não! Argumentavam à cansativa rotina e ignoravam por completo a possibilidade de hoje, essa rotina ser modificada pelos

novos acessórios tecnológicos que reduzem espaços e alteram o tempo, aquele tempo que elas outrora experimentaram.

Mas como exposto pelo antropólogo Marshal Sahlins:

A história é ordenada culturalmente de diferentes modos nas diversas sociedades, de acordo com os esquemas de significação das coisas. O contrário também é verdadeiro: esquemas culturais são ordenados historicamente porque, em maior ou menor grau, os significados são reavaliados quando realizados na prática. (...) A cultura é historicamente reproduzida na ação.¹⁴

A ação da vida cotidiana e essa experiência da rotina estão entendidas num *esquema de significação*, e só uma outra *realização na prática* viabilizaria uma nova reorganização do sentido desse padrão cultural. A *história dessa experimentação do tempo* é modificada quando a ação cultural muda. Desse modo percebe-se que o conceito então do “devagar” urbano é diferente do conceito “devagar” rural, a significação das coisas assume aqui uma significação dos termos. É dessa relação com o cotidiano que se estabelecem os padrões culturais e sociais de cada grupo e com isso valida o local de fala, as expectativas, as ansiedades, e a própria maneira de contar a sua História.

A experiência do tempo pode então provocar essas diferenciações culturais e no contexto de Planaltina, rotulá-la como diria Drummond, numa *Cidadezinha Qualquer*. Algo que está fora da lógica, dessa maneira particular de determinado grupo, e com isso passa a ser relativizada em seus aspectos mais latentes, e aqui o que se evidenciou foi como essas significações dos termos, foram adquiridos através das experiências culturais e sociais, confrontando duas visões opostas de uma mesma realidade: a temporalidade de vida rural.

¹⁴ SHALINS, Marshal. ‘Introdução’. In **Ilhas da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. p - 7.

Bibliografia

AMADO, Janaína. FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral: Paulus, 1990.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.

BOORSTIN, Daniel J. *Os descobridores: de como o homem procurou conhecer a si mesmo e ao mundo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral, Memória, Tempo, Identidade*. Belo Horizonte, Autentica, 2006.

Maria Ádivas de Oliveira. Aposentada, mais de 70 anos, moradora de Planaltina DF, Brasil, 6 de Junho de 2009, entrevistado por Michelle de Oliveira Vilardi.

ELIAS, Norbert. Trad. Vera Ribeiro. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

GUARINELLO, Norberto Luiz. História científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 24, n. 48, p.01-20, 2004. Mensal. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 jul. 2009

KOSELLEK, Reinhart. Trad Wilma P Maas, Carlos Almeida. Rev César Benjamin. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro, Contraponto, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

REIS, José Carlos. *História & Teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Rio de Janeiro, FVG, 2006.

SHALINS, Marshal. 'Introdução'. In *Ilhas da História*. Rio de Janeiro, Jorge Zhar, 1994.